

ECONOMIA SOLIDÁRIA E O DESAFIO DE UMA MUDANÇA CULTURAL EM EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS (EES)

Marcia Alves Soares da Silva (IESol – UEPG)

marcia.alves.geo@gmail.com

Luiz Alexandre Gonçalves Cunha (IESol - UEPG)

llagc2@yahoo.com.br

GT 1: processos educativos em economia solidária

Resumo: a Economia Solidária (ecosol) é uma proposta que vai além da questão de geração de trabalho e renda, pois se mostra como uma nova visão social que tem como ponto central a valorização do ser humano, em suas múltiplas dimensões, entre elas, a cultural. Dessa forma, pensamos a cultura como construção e prática social, em constante mudança, no tempo e no espaço. Dentro da proposta da ecosol, as pessoas envolvidas nas práticas cotidianas de criação e formações de cooperativas e associações estão construindo uma nova cultura: uma cultura solidária. A construção de uma cultura solidária envolve a mudança no próprio modo de vida e nas relações interpessoais entre os trabalhadores que adotam os princípios da ecosol, respeitando as experiências, saberes e vivências individuais e coletivas. Este artigo tem por objetivo levantar a discussão sobre economia e cultura solidária, tendo como experiência as ações desenvolvidas na Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESol - UEPG), onde algumas inquietações sobre a temática vêm surgindo no cotidiano da Incubadora.

Princípios que regem a proposta da economia solidária

A Economia Solidária (ecosol), na contemporaneidade, cresce diante de um cenário de desigualdades sociais, degradáveis condições de trabalho, desrespeito ao trabalhador e a trabalhadora, sendo um projeto alternativo e de resistência frente à proposta capitalista.

Com maior avanço, a partir da década de 1990, a ecosol teve como um dos principais objetivos a inserção de trabalhadores no mercado de trabalho, em forma de cooperativas e/ou associações, a partir dos princípios da autogestão, solidariedade, equidade e cooperação.

Neste cenário, fica clara a necessidade de novas alternativas favoráveis ao desenvolvimento social e produtivo, onde os trabalhadores pobres possam ter níveis mínimos de autodeterminação e geração de renda. A ecosol vem com a ideia de fortalecer a capacidade de ação dos empobrecidos, com a eliminação da divisão entre trabalhadores e meios de produção, entre produção e apropriação dos frutos de trabalho, tendo como uma das propostas

norteadoras a valorização do protagonismo dos trabalhadores (ASSEBURG e GAIGER, 2007).

Com o envolvimento cotidiano dos membros, a ecosol potencializa a vivência concreta de gestão do bem comum, especialmente a partir da ideia de solidariedade e reciprocidade, sendo as decisões pensadas em prol do coletivo e de si, onde o êxito econômico dos empreendimentos econômico solidários está muito associado ao caráter cooperativo e solidário (GAIGER, 2013).

Tendo como princípio norteador a solidariedade, a ecosol é muito mais do que uma resposta à incapacidade do capitalismo de integrar em sua economia todos os membros da sociedade desejosos e necessitados de trabalhar, pois foi concebida para ser uma alternativa superior ao capitalismo. Superior não somente em termos econômicos, mas por possibilitar às pessoas que a adotam, enquanto produtoras, poupadoras, consumidoras, etc., uma vida melhor (SINGER, 2002).

Por conseguinte, a ecosol vai além do âmbito econômico, mas diz respeito a uma nova perspectiva política, social e também cultural. Isso porque, se a ecosol se propõe a ser uma alternativa dentro do sistema capitalista e levando em consideração que estamos inseridos dentro da cultura capitalista, que prega o individualismo, o egoísmo, a subordinação, a competição, a hierarquia nas relações sociais e também de trabalho, a ecosol também deve se propor a discutir sobre uma nova cultura: uma cultura solidária. Para tanto, propomos neste artigo, levantar uma breve análise sobre o conceito de cultura, bem como como os caminhos que possibilitam a construção de uma cultura solidária, especialmente nos empreendimentos econômicos solidários (EES) e demais envolvidos no movimento da ecosol.

Breves apontamentos sobre o conceito de cultura

A cultura comumente pode ser vista como soma de objetos, comprados ou herdados, sendo produto de uma conquista, que se realiza na ação e no trabalho por sujeitos sociais concretos. É algo que se constitui como processo e todos nós temos a condição potencial de produzir e não apenas consumir cultura (OLIVEIRA, 2006).

Concordamos que a cultura é transmitida e em constante processo de invenção. É um conjunto de práticas, conhecimentos, experiências, vivências adquiridos pelos indivíduos, em

constante renovação, onde pequenas modificações e adaptações ocorrem no curso do tempo, especialmente quando o contexto muda. Para tanto, mostra-se pertinente os processos de comunicação, transmissão, ensino e aprendizagem no que diz respeito às questões culturais, porque é este que faz de cada um, um ser social e que lhe dá semelhança com os outros membros do grupo (CLAVAL, 2011).

A cultura não existe como uma realidade fixa e intangível, mas sim como realidade múltipla e sempre em evolução, e por vezes apresenta certa estabilidade, já que as pessoas que partilham os mesmos valores e fé possuem o sentimento de compartilhar elementos importantes, o sentimento de pertencer à mesma unidade, a mesma cultura, tornando-se base duma nova proposta.

Conforme Claval (2011), sendo um processo social, a cultura é transmitida e feita de atitudes, costumes, representações, valores que circulam num grupo e lhe dão a sua coerência, sendo que a natureza e o conteúdo da cultura de cada indivíduo refletem os meios através dos quais ele adquire as suas práticas e os seus conhecimentos. A construção do indivíduo como ser social se traduz pelo nascimento de sentidos de identidade, sendo que a identidade possui várias dimensões, pois é individual e coletiva, e existe muitas vezes um encaixamento das identidades coletivas.

De maneira semelhante, Corrêa (2003) percebe a cultura como o que diz respeito às coisas comuns, a vida cotidiana, no seio da família ou do ambiente local. É uma análise dos significados dos saberes, técnicas e crenças de um grupo, que são traduzidos em representações e práticas e que dão sentido à vida do grupo, isto é, uma criação social.

A partir destas contribuições, pensamos que a cultura, na proposta da economia solidária, deve ser baseada na cooperação, solidariedade, autogestão, democracia, igualdade, justiça social, econômica e ambiental, além da luta pelo interesse coletivo. Nessa proposta, há a valorização do ser humano, que é colocado no centro das ações da ecosol, além da valorização de sua história, saberes, crenças e tradições, que compõem a construção das culturas e identidades em distintos contextos. Além disso, percebemos que a cultura além da influência na dimensão individual, notadamente é uma construção coletiva, pois construímos cultura com nossos semelhantes, isto é, aqueles que partilham do mesmo caminho. Neste viés, a coletividade é um dos pilares da ecosol, porque ninguém faz economia solidária sozinho. É a partir do bem estar coletivo que o movimento da ecosol cresce, envolvendo não só

trabalhadores e trabalhadoras, mas Incubadoras, como a IESol, gestores públicos, diversas instituições parceiras e outros movimentos sociais.

Cultura e economia solidária: a proposta de construção de uma cultura solidária

Considerando que as mudanças político-econômicas têm influência sobre as mudanças sócio-culturais e se pensarmos no contexto no qual estamos inseridos - o contexto capitalista - fica claro que a proposta deste sistema influi nas formas como construímos nossa cultura e identidade. As relações de competição, exclusão, individualidade, dominação e exploração fazem parte do nosso cotidiano, que privilegia os aspectos financeiros (materiais) em detrimento das relações interpessoais e subjetivas (imateriais). As relações de sociabilidade estão cada vez mais empobrecidas e efêmeras, ao passo que se pode pensar que tal contexto é campo fértil para pensar em novas alternativas e/ou estratégias de sobrevivência que valorizem o ser ao invés do ter, estimulando as pessoas a tomarem consciência desta condição.

O movimento da ecosol parte de iniciativas que incorporem em suas práticas a solidariedade, entendida especialmente como a valorização da pessoa no centro da organização, além da realização de atividades econômicas que considerem outras esferas, como a social, política, ecológica e cultural, construídas numa visão emancipatória e autônoma. Portanto, a economia solidária pauta-se numa outra forma de consumo, produção e distribuição de riquezas, sendo importante pensá-la enquanto espaço de construção de um modo de vida diferente do capitalismo.

Gutiérrez (2001a *apud* Seron, 2008) ressalta que a subjetividade é a característica diferenciadora entre as relações econômicas de trocas e as de solidariedade. Sobre isso, Souza (2000b *apud* Seron, 2008) acredita que nos empreendimentos solidários vem ocorrendo outros ganhos diferentes do econômico, tais como autoestima, resgate da cidadania, identificação com o trabalho e com o grupo produtivo, companheirismo, além de uma noção crescente de autonomia e de direitos cidadãos, o que os caracteriza como processos educativos.

A cultura não é fruto de determinismo e nem reflexo da economia. A cultura e economia solidária podem ser relacionadas, porque quando se discute cultura como construção social, é importante possibilitar aos indivíduos que pensem, discutam e compreendam criticamente não só a cultura ao qual está inserido e construindo, mas também a cultura de

outros grupos. O respeito à diferença também é pauta de discussão da ecosol, sendo importante levantar as questões culturais no movimento da ecosol, justamente porque a cultura dominante é a capitalista, onde o conjunto de valores que regem esta cultura tem por base o individualismo e que tem como resultado final um amplo processo de desigualdades sociais e econômicas. A cultura capitalista valoriza a “meritocracia”, onde a ecosol surge como uma reação à tal prática, onde os ditos “piores”, “fracos” também contribuem, ou seja, a igualdade é um valor ético primordial na ecosol (OLIVEIRA, 2006; SINGER, 2007).

Nesse sentido, a proposta da ecosol busca superar as desigualdades econômicas, sociais, culturais e de gênero, e, tal mudança, é um processo educativo, buscando a satisfação de outras opções humanas além das econômicas, como a valorização das culturas locais.

A Economia Solidária se contrapõe ao capitalismo quando valoriza uma concepção de desenvolvimento baseada nas potencialidades locais e provoca naquelas/es que com ela se envolvem uma mudança de postura diante da vida e da economia. É o enraizamento comunitário que permite aos Empreendimentos Econômicos Solidários o compartilhamento de dificuldades com o coletivo local, gerando uma nova cultura pautada no trabalho coletivo, autogestionário e emancipatório (Relatório da V Plenária Nacional de Economia Solidária, 2013, p. 32).

A solidariedade é um sentimento de identificação com um outro, que pode chegar a ponto de fundir subjetivamente “num só” pessoas e agrupamentos interligados por ela. É um sentimento que motiva comportamentos solidários, como ações de ajuda e apoio recíprocas, onde a solidariedade-sentimento origina a solidariedade-ação e é esta última que tem significado político, social e econômico (SINGER, 2003).

O autor acredita que a proximidade permite o desenvolvimento de laços de confiança, que possibilitam e induzem ações de ajuda mútua e essas, por sua vez, reforçam os laços de confiança. A confiança frequentemente é pré-requisito para que laços de solidariedade se desenvolvam e a prática da solidariedade tende a reforçar a confiança recíproca entre os que a prestam e os que a recebem. Neste ínterim, a solidariedade depende da afetividade, pois somos solidários com aquilo ao qual nos identificamos e temos afeto, e a partir deste processo as pessoas passam a agir coletivamente: mobilizam-se para fazer protestos em massa, para se organizar politicamente e não poucas vezes para criar novas instituições que lhes sirvam para enfrentar carências e para reconstruir sua vida econômica sob novos ideais.

A passividade não constrói cultura solidária, o que reforça a ideia de que cultura é uma construção social que acontece no cotidiano e que exige participação, envolvimento e

cooperação das pessoas, bem como identificação com aquilo que está sendo construído, o que sustenta a noção de identidade. É vital para um empreendimento a identificação das pessoas com as propostas que envolvem a economia e cultura solidária, num importante elo de ligação social.

[...] o desenvolvimento de uma cultura solidária só se torna possível quando as pessoas possuem consciência daquilo que estão buscando. É preciso que visualizem os benefícios que advirão, não só no plano material, mas também no afetivo, para que sintam o “querer” adotar os princípios que norteiam a cultura solidária [...] Uma cultura solidária e uma economia solidária é algo que nasce de uma necessidade humana. Talvez como uma forma de superar momentos de dificuldades, mas também como forma de opção de vida, uma alternativa ao que está posto. O importante é que não seja decorrente de uma imposição. Mas que seja livre e que possa resultar na promoção do ser humano, ampliando seus horizontes e potencializando o que há de mais humano, as relações consigo e com o outro (SERON, 2008, p. 81).

A construção de uma cultura solidária é um desafio constante, pois é relevante além da identificação com a proposta, a confiança e o compromisso dos envolvidos, sendo que estes laços são relevantes para o funcionamento dos empreendimentos. Além disso, é importante que as ações e acordos sejam coletivos, sendo que as cooperativas só conseguem realizar suas atividades quando seus membros buscam na prática um modo de vida em comum, especialmente para o fortalecimento e consolidação destes empreendimentos (OLIVEIRA, 2006).

Nesse sentido, o autor acredita que “as pessoas cultivam solidariedade se colocando como iguais nos direitos, diferentes nos traços individuais e desejosas de construir um caminho em comum com os outros” (OLIVEIRA, 2006, p. 103).

Por mais elevadas que sejam as metas de justiça, democracia, igualdade e autogestão, sabe-se que sua realização plena, na vida cotidiana, esbarra em contradições inerentes à condição humana e à vida social. Não é fácil assimilar e rapidamente incorporar novas formas de pensar e de agir, colocando-as em prática, de modo a sempre levar em consideração o outro, a cada instante da vida (OLIVEIRA, 2006, p. 21).

É importante no trabalho com a ecosol que os trabalhadores e trabalhadoras envolvidos sejam estimulados a construção de uma consciência comum, já que partilham de uma estilo comum de vida, isto é, construção de uma cultura solidária deve partir da vida cotidiana das

peessoas, os desafios enfrentados, a soluções pensadas de forma coletiva e uma educação cooperativa, que pense no bem estar coletivo para além das questões econômicas e monetárias.

Todavia, é importante ressaltar que, embora a cultura solidária pressuponha interações sociais igualmente solidárias, há conflitos, divergências e discordâncias, visto que se pensarmos no cotidiano de vida dos envolvidos com a ecosol, cada um possui uma história de vida, uma cultura, uma identidade, que foge do contexto da economia solidária, já que estamos no contexto capitalista. Para Oliveira (2006, p. 57), “uma cultura solidária para constituir-se necessita de muito empenho, sempre renovável, forte o bastante para ultrapassar seja as determinações prevaletentes seja as deserções advindas de nossa frágil capacidade de perseverar”.

Essa proposta também é um desafio para as Incubadoras Populares-ICs, tanto em seu trabalho cotidiano, com as equipes de trabalho (técnicos, supervisores, coordenadores, professores, estagiários), mas também junto aos empreendimentos e suas múltiplas realidades. A partir destas indagações, no cotidiano da IESol, é que se começou a pensar como trabalhar a economia solidária do ponto de vista cultural e subjetivo, que supere a ideia de ecosol apenas como uma alternativa de geração de trabalho e renda frente à proposta capitalista. Como pensar a economia solidária a partir de uma construção/renovação cultural?

Oliveira (2006) traz semelhante indagação ao discutir cultura solidária em cooperativas. O autor levanta as seguintes questões, que foram motivadoras para este trabalho:

- Como colaborar (*laborar junto*) com outras pessoas?
- Como formar pessoas que, de forma consciente, venham consolidar, principalmente depois de vencida a crise inicial de maior premência, a opção de recusa sistemática às saídas individualistas em nome de projetos coletivos?
- Como, também, lidar com as contradições, que, muitas vezes, não deixam de alcançar os que vivem cooperativamente?

O desenvolvimento de uma cultura pressupõe a existência de um coletivo, que constitui suas regras, normas, crenças e valores próprios, sendo o desenvolvimento de uma postura individual específica depende da participação da pessoa num contexto cujo pensamento predominante reflete uma cultura na qual ela acredita. Assim, o coletivo funciona como uma âncora, no qual as pessoas se identificam e constroem suas relações de identidade, pertencimento, onde, a força do grupo está na sua coesão, que de certa forma depende do

quanto as pessoas abdicam do particular em prol do coletivo e por vezes, o desenvolvimento de uma cultura solidária implica numa mudança de cultura, isto é, é preciso abandonar uma série de valores, crenças e atitudes, para inserir outros (SERON, 2008).

O autor afirma que quando a pessoa compreende e acredita naquilo que prega uma determinada cultura, ela passa a se comportar de acordo com os seus princípios. Contudo, afirma que tal processo não ocorre aos poucos, mas é quase que abrupto, isto é, a partir da aceitação há uma incorporação dos novos padrões. Criticamos porém tal afirmação, visto que a própria aceitação, por vezes, acontece aos poucos, já que a cultura é uma construção e as pessoas para aceitarem determinadas formas de cultura acabam abandonando velhos valores, tradições, comportamentos, mas nem sempre de forma rápida.

Reforçando nossa crítica, tal mudança cultural inevitavelmente vem acompanhada de um processo de reeducação, uma vez que é necessário gradualmente uma mudança de valores e crenças, onde as pessoas sintam-se livres para aderir à proposta, já que “mudar culturalmente é um processo incerto, irregular, muitas vezes contraditório, que demanda persistência, paciência e tempo” (OLIVEIRA, 2006, p. 113).

Sobre isso, o autor afirma que as pessoas que estão envolvidas na criação e formação de cooperativas estão construindo cultura, mas não uma cultura individualmente gestada e sim, coletiva e solidária. Tal análise não foge da própria proposta das Incubadoras de Economia Solidária, tal como a IESol, já que em seu cotidiano também buscam praticar ações que envolvam os princípios da ecosol, como a autogestão, solidariedade e equidade entre as pessoas.

Quando há interações sociais solidárias, espera-se, isto sim, que as pessoas se respeitem entre si e vejam como iguais nos seus direitos. Mas também que saibam ou que se proponham aprender a trabalhar as diferenças. Que se disponham a aprimorar-se na autogestão do trabalho em comum. Não parece ser tarefa fácil nem de rápida resolução e muito menos sujeita a fórmulas esquemáticas, aplicáveis a toda situação conflituosa. É enriquecedora a manifestação das diferenças porque garante que as individualidades possam aflorar. Permitem também – quanto trabalhadas em contexto de mútuo respeito das pessoas entre si – que cada um divise na contribuição do outro o seu inacabamento (OLIVEIRA, 2006, p. 33).

Vale destacar que a construção de uma cultura solidária vai além do cotidiano do trabalho, mas pressupõe também a solidariedade que extrapole esta esfera e leve em consideração a tolerância com determinadas necessidades, a compreensão das dificuldades dos companheiros e companheiras, respeito ao outro, autoconfiança.

Oliveira (2006) pensa que uma mudança cultural requer uma atmosfera de liberdade e espontaneidade, ou seja, deve ser uma escolha, sendo que esta escolha pode ser a qualquer momento revertida, o que revela a força da economia e da cultura solidária, que tem na democracia sua essência. É um processo de reeducação, onde os grupos solidários tenham consciência de pertencer e vivenciar a proposta da ecosol, em conjunto, levando ainda para outras esferas da vida os princípios norteadores. É claro que as diferenças individuais sempre existem, mas o fato de partilharem desejos em comum fortalece as pessoas e aumenta as chances de superação do coletivo.

Para fortalecer nossa identidade é fundamental aliarmos dois movimentos. O primeiro tem como foco gerar o reconhecimento a partir da vivência, do cotidiano e das culturas locais. Nesse sentido, é necessário que seja feito um resgate da história e das tradições locais, encontrando e trabalhando os elementos que possam servir de referência. O segundo movimento é buscarmos estratégias para criarmos e consolidarmos as relações entre aqueles/as que atuam neste território, com os princípios e valores da Economia Solidária. Para ambos os movimentos é importante que esse processo de construção da identidade passe pelo envolvimento em ações práticas, seja na Economia Solidária, seja em estratégias mais amplas de luta por pautas de interesse comum. A vivência das experiências e a cumplicidade na luta são elementos potentes para a criação, desenvolvimento e fortalecimento da identidade de um grupo em torno de elementos comuns, na superação de divergências e disputas no território. A clareza do que nos une no local e nos valores é o que possibilita ampliarmos a adesão ao movimento de Economia Solidária pelas pessoas que compartilham a mesma realidade e os mesmos valores [...] (Relatório da V Plenária Nacional de Economia Solidária, 2013, p. 52)

Em suma, a relação entre a cultura e a Economia Solidária pode ser compreendida como reconhecimento, valorização e respeito à diversidade popular e social, na construção de uma nova identidade que tem na autogestão, no trabalho associado e no território sua expressão. É importante, portanto, a construção de um sentimento de pertencimento ao movimento de ecosol, além do reconhecimento das culturas e tradições locais, buscando estratégias que as consolidem.

Considerações finais

A Economia Solidária ela vai além das questões políticas e econômicas, mas também contempla questões culturais, que notadamente é uma construção social. A construção de uma cultura perpassa por questões de cunho objetivo e subjetivo. Neste último ponto é que

se enquadra a cultura solidária, porque é de maneira subjetiva que ela se manifesta, a partir das noções de igualdade, equidade, solidariedade, propostas pela ecosol.

Entendemos que as ações que envolvem a ecosol também devem contemplar a discussão sobre uma nova cultura, que se pode denominar de uma cultura de solidariedade. É imprescindível pensar, dentro da ecosol, a construção de uma nova cultura de relações sociais e de trabalho, onde os trabalhadores além de adotar a ideia da ecosol também devem pensar em mudar determinados comportamentos e ações no intuito de construir de modo significativo uma cultura solidária e possibilitar uma transformação nos empreendimentos econômico solidários (ees).

Referências bibliográficas

ASSEBURG, Hans; GAIGER, Luis Inácio. **A economia solidária diante das desigualdades**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 50, nº 3, 2007, pp. 499 a 533.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A geografia cultural e o urbano**. IN: CORRÊA, Roberto Lobato ROSENDAHL, Zeni (Org). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CLAVAL, Paul. **Geografia cultural: um balanço**. Revista Geografia (Londrina). V. 20. N. 3. set-dez 2011.

GAIGER, Luiz Inácio. **A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 28 nº 82 junho/2013.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Cultura Solidária em Cooperativas. Projetos coletivos de mudança de vida**. São Paulo: EdUSP, 2006.

SERON, Paulo Cesar. **Cultura solidária**. Revista de Psicologia da UNESP, 7(1), 2008. P. 70-85.

Relatório da V Plenária Nacional de Economia Solidária - Outono de 2013.

SINGER, Paul. **Desenvolvendo confiança e solidariedade: as instituições necessárias**. Brasil em Desenvolvimento, Ciclo de Seminários, 2003. Disponível em <http://www.ie.ufrj.br/desenvolvimento/pdfs/desenvolvendo_confianca_e_solidariedade_as_instituicoes_necessarias.pdf> Acesso 27 abril 2015.

SINGER, Paul. **Economia solidária: democracia e conflitos entre iguais**. Otra Economía - Volumen I - Nº 1 - 2º semestre/ 2007.